



RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE EM UM PROJETO DE EXTENSÃO

MILENY JOUGLARD GOMES¹; RICARDO AVILA DE LIMA²; ISABEL BONAT HIRSCH³

¹Universidade Federal de Pelotas – milenyjouglard2009@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ricardolima1605@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – isabel.hirsch@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intuito apresentar o projeto de extensão Fazendo um Som, o qual tem como proposta o ensino da música em espaços de educação não-formal, atendendo crianças e adolescentes entre 8 e 14 anos que se encontram em situação de vulnerabilidade social. O projeto é desenvolvido em duas instituições na cidade de Pelotas.

Por iniciativa dos discentes do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pelotas, o projeto Fazendo um Som foi pensado como tentativa de levar a educação musical para outros espaços que não sejam somente os de ensino formal. Sendo assim, por meio do planejamento desse projeto, os discentes tem como intuito atuar de forma política na sociedade, construindo e consolidando sua identidade docente à partir da prática (GUARNIERI, 2000).

Concomitantemente, os projetos de extensão são uma forma de desenvolver as teorias pedagógicas no espaço de atuação, observando quais se adequam melhor na sala de aula. Isso torna o processo de planejamento da construção do plano de aula mais fácil, pelo docente já ter a experiência do que pode ou não ser executado. Dessa forma, este texto irá relatar as experiências dos autores frente a docência em um ensino não formal em uma das instituições atendidas, que será chamada por Instituição Parceira.

2. METODOLOGIA

A Instituição Parceira acolhe estudantes na faixa etária entre 10 e 14 anos. Para este trabalho, 14 alunos, predominantemente, do sexo masculino participaram das atividades em turno inverso, conforme o gráfico abaixo:

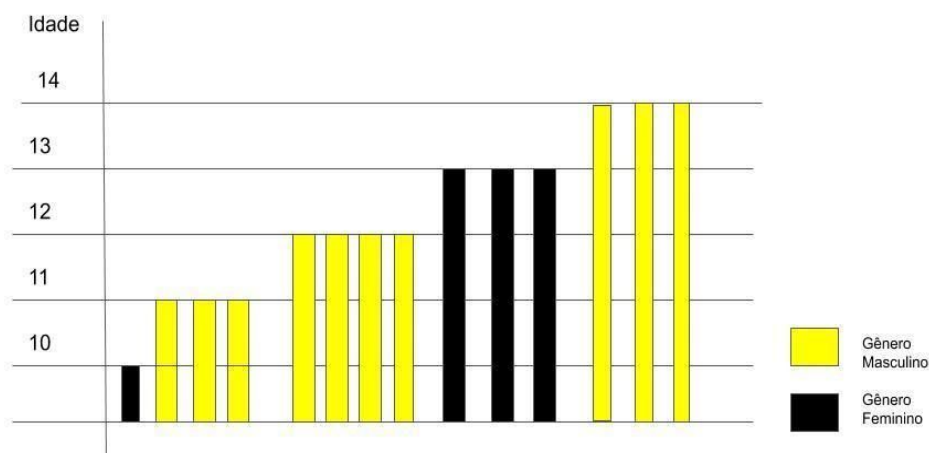


Gráfico 1: Gênero dos alunos quanto à faixa etária

Com carga horária semanal de 1h30min, inicialmente o planejamento foi voltado para atividades de teoria musical e musicalização, no intuito de preparar os estudantes para a banda de sopro da Instituição. Tal plano teve como base a música corporal, que se conceitua como o corpo produzindo conteúdo musical através de si mesmo, considerando toda a música que possa ser produzida sem a necessidade de algum objeto externo ao corpo (GOES, 2015). Com este pensamento criamos nossas atividades, uma das quais focada na leitura rítmica e na pulsação.

A atividade era definir a diferenciação da semínima e colcheia. Para a explicação ser melhor compreendida foi usado o artifício de palavras como pão, bolo e chocolate, conforme a imagem abaixo:

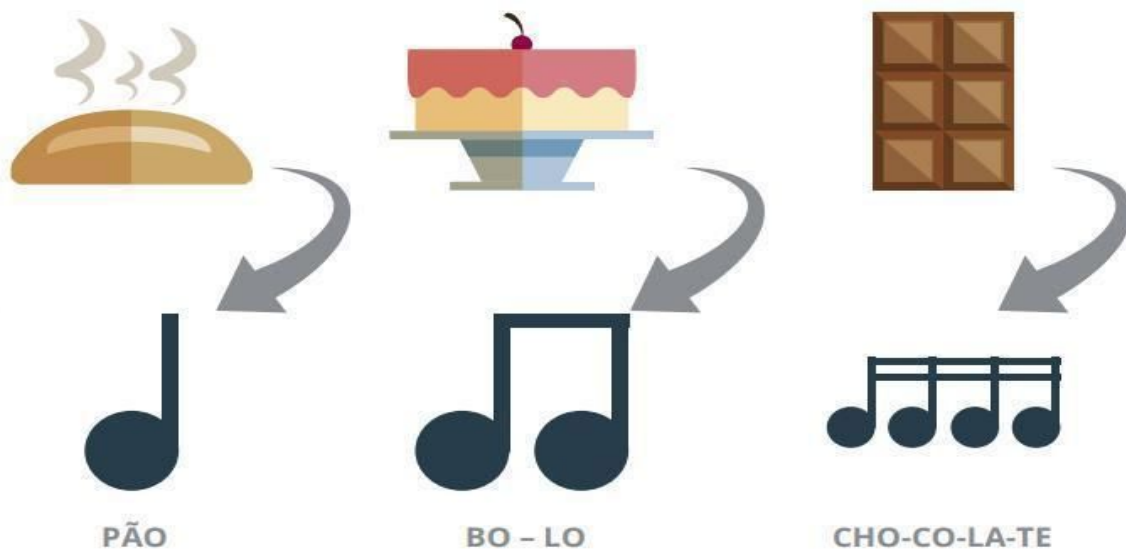


Figura 1: Representação pão, bolo e chocolate (*Guia didático brincando de música, volume 1 - Brasil de Tuhu, p. 7*)

Para desenvolver atividades com as figuras musicais e facilitar o aprendizado para a leitura rítmica da partitura, a atividade proposta era de fazer a semínima (pão) com os pés, marcando a pulsação e fazer a colcheia (bo-lo) com as mãos, para diferenciar cada figura rítmica.

Os alunos foram divididos em dois grupos, onde realizaram diversas frases rítmicas de forma individual e coletiva. Em seguida, foram mostradas as figuras correspondentes a cada palavra no quadro. Ao perceber que a turma havia internalizado o conteúdo, foram escritas as frases rítmicas a fim de praticarem a leitura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi possível perceber que alguns dos alunos eram mais musicalizados do que outros. A Instituição desenvolve atividades musicais há algum tempo e, por esse motivo, os que possuem experiências musicais tem mais facilidade do que os iniciantes no processo. Além disso, há os que tem mais dificuldade em aprender. Durante as aulas, os que já sabiam se sentiam entediados durante quase todo o tempo. Os que aprendiam rápido, absorviam as atividades, mas logo perdiam o foco. Isso acontecia pois, quando o terceiro grupo apresentava alguma dificuldade, dávamos atenção para sanar dúvidas desses alunos.

Dos 8 aos 13 anos, a manifestação artística da criança amadurece. Nesse período, ser “convencionalmente boa” naquilo que ela faz passa a ser o foco de



sua atenção, ao mesmo tempo em que a atividade imaginativa diminui (ROSS, 1984). Assim, o objetivo passa a ser produzir coisas que se encaixem nos critérios tradicionais.

Como os mais velhos se encontravam mais adiantados nesse processo, levavam o estudo de forma responsável, enquanto que as brincadeiras dos mais novos acabavam por desmotivá-los. Ao mesmo tempo, mesmo que os mais novos se interessassem pela atividade, acabavam se dispersando.

Foi notado que, quando havia um desentendimento entre eles, ao invés de conversarem, já partiam para violência verbal e às vezes física. Iniciou-se então a colocação dos estudantes em grupos mistos, a fim de que os mais velhos se tornassem responsáveis pelos mais novos. Assim, trabalhando em conjunto, esperávamos que eles também aprendessem a conviver com suas diferenças. Em um trabalho de educação musical, o desafio é saber aproveitar as oportunidades de convivência dos estudantes, a fim de que eles pratiquem o convívio com a diferença (LIMA 2002).

Devido à discrepância causada pelas diferenças de idade, gênero e nível musical entre os estudantes, desenvolver as atividades mostrou ser um grande desafio. Enquanto alguns se interessavam, outros achavam básico demais. Assim, surgiu o problema de ministrar uma aula produtiva e interessante para uma turma heterogênea.

Para poder contornar a situação, a alternativa pensada foi de dividir a turma em naipes e criar arranjos e, a partir disso, a turma se mostrou mais interessada. Alguns estudantes não sabiam tocar nenhum instrumento, então os discentes orientavam, bem como os mais experientes ajudavam os inexperientes. Observou-se que tal abordagem estimulou a criatividade, a paciência de ensinar o outro e envolveu os estudantes como um grupo musical.

4. CONCLUSÕES

A prática musical nesta Instituição foi uma experiência motivadora, porém, desafiadora. Ao desenvolver este projeto, percebemos que o conteúdo da aula de música não é somente o conhecimento musical. Aprendemos que é necessário praticar a socialização e compreender as diferenças. Além disso, existem os processos pessoais pelos quais os estudantes passam. Nós, como professores, devemos ter um olhar sensível a esses fatos.

Percebemos então, que a educação musical se mostra uma potente alternativa para trabalhar esses processos intra e extra-pessoais. Assim o ambiente musical, se for trabalhado em grupo, pode ajudar na socialização e no respeito entre as pessoas.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOES, Amanda A. ***Corpo percussivo e som em movimento: a prática da música corporal***. Opus2, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 89-100, jun. 2015.

GUARNIERI, Maria Regina. ***O início da carreira docente: pistas para o estudo do trabalho do professor***. In: GUARNIERI, Maria Regina (Org.). *Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência*. Campinas: Autores Associados, 2000. p. 5-23

COSTA, Fabiana; BRANDÃO, Paula; RINCÓN Carla; KERVORKIAN, Josiane. **Guia didático brincando de música**, volume 1 - Brasil de Tuhu,

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2017

LIMA, Maria Helena de. **Educação musical/educação popular : Projeto música & cidadania, uma proposta de movimento**. 2002. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

OLIVEIRA, Renato Alves. **O Projeto TIM Música nas Escolas e a Educação Musical Não-Formal (2003 – 2008)** São Paulo, 2009. Dissertação - Programa Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie

ROSS, Malcolm. **The Aesthetic Impulse**. Oxford, Inglaterra: Pergamon Press 1984.